

## **FAZENDA REAL DE SANTA CRUZ – PATRIMÔNIO HISTÓRICO**

Sinvaldo de Nascimento Souza

### Apresentação

O Turismo, pelas suas próprias peculiaridades, de atividade geradora de emprego, renda e desenvolvimento, e tendo em vista o seu crescimento dinâmico nas últimas duas décadas, pode interferir positivamente nas desigualdades sociais, sendo capaz de reduzi-las, e, até mesmo, de criar condição para a inclusão dos diversos atores comunitários na vida econômica do nosso país.

A pesquisa que ora apresentamos, refere-se a uma região da Cidade do Rio de Janeiro onde se registra um dos mais baixos índices de desenvolvimento humano (IDH) do município, segundo últimas pesquisas divulgadas pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

Estamos nos referindo ao bairro de Santa Cruz, localizado em área periférica, no extremo oeste da Cidade do Rio de Janeiro, fazendo fronteira com os municípios de Itaguaí e de Seropédica (onde se localiza a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), principal portão de acesso para a região da Costa Verde, por intermédio da Rodovia Governador Mário Covas, trecho da BR 101 que se dirige, pelo litoral, para Itacuruçá, Mangaratiba, Angra dos Reis, Paraty, Ubatuba, até atingir o município paulista de Santos.

No sentido Oeste-Leste, Santa Cruz se destaca como principal acesso para a Cidade Maravilhosa, tanto pela Avenida Brasil, principal eixo rodoviário que interliga as Zonas Oeste e Norte com o Centro, como pelo prolongamento da Rodovia Rio-Santos, passando pelas regiões de Guaratiba, Barra da Tijuca, São Conrado, até alcançar à Zona Sul da Cidade.

Santa Cruz é, inquestionavelmente, um bairro que ocupa posição estratégica em todos os roteiros turísticos, tanto da Cidade do Rio de Janeiro, como em relação aos municípios da Costa Verde.

Com uma população que ultrapassa os 312 mil habitantes, segundo dados do último censo do IBGE, Santa Cruz passou por radicais transformações, desde que foi ocupada, em meados do século XVI, por colonizadores portugueses capitaneados pelo

primeiro Ouvidor Mor do Rio de Janeiro, Cristóvão Monteiro, e sua mulher Dona Marquesa Ferreira, que passaram as terras, em legado pio e testamentário, à propriedade da Companhia de Jesus.

Durante o período em que estiveram sob à administração dos padres jesuítas, as terras da Fazenda de Santa Cruz, estendiam-se desde o litoral da Baía de Sepetiba até os contrafortes de Sacra Família do Tinguá, no atual município de Vassouras, de Sul para Norte; e, da Ilha de Itingussu, no município de Mangaratiba, até a Ilha de Guaraqueçaba, no sentido Oeste para Leste, perfazendo um total de dez léguas quadradas, ocupando todo o atual bairro de Santa Cruz, no município do Rio de Janeiro, e dez municípios fluminenses: Itaguaí, Barra do Piraí, Mendes, Nova Iguaçu, Paracambi, Paulo de Frontin, Piraí, Rio Claro, Vassouras e Volta Redonda.

Tendo em vista a sua localização geográfica privilegiada, e considerando à sua ligação com a história evolutiva de diversos municípios do estado do Rio de Janeiro, o bairro de Santa Cruz, Zona Oeste da capital, deveria fazer parte de todos os roteiros integradores no âmbito dos programas de regionalização do Turismo, objetivando incentivar a organização e a integração dos municípios de forma associativa para ampliar a oferta turística.

Nesse sentido, buscando proporcionar maior visibilidade para o bairro de Santa Cruz, pelo que ele representa para a História local, regional e nacional, procuramos, a partir do início da década de 1980, desenvolver pesquisas visando localizar, identificar, inventariar, interpretar e revitalizar o patrimônio cultural e histórico, ainda remanescente na região, outrora ocupada pelos padres jesuítas.

O ano de 1981 serve como marco introdutório, e a referência matricial foi uma reportagem veiculada na Revista Domingo, que circula semanalmente como parte anexa do Jornal do Brasil. Naquele ano de 1981, cinco professoras recém-formadas em História pela PUC de Porto Alegre, resolveram fundar o Centro de Orientação e Pesquisa Histórica, como uma saída para o escasso mercado profissional de historiador.

Suzana Manenti, Marielza Azevedo, Nilda Malsonnave, Sueli Oliveira e Rosa Vieira instalaram o COPH-PA em quatro salas do Esplanada Center, da capital gaúcha.

Rose Vieira, uma das historiadoras, chamava a atenção para a importância do COPH dizendo: “ Se cada cidade resolvesse se “antelar” para isso, seria uma contribuição incrível. A pesquisa não pode se encarada como propriedade da gente. Ela tem de evoluir, ser divulgada para que se crie uma consciência histórica.”

Em agosto de 1983, inspirados em iniciativa daquelas historiadoras porto-alegrenses, resolvemos também “antenas” a “cidade honorífica” de Santa Cruz.

Foi assim que, dois anos depois, no dia 3 de agosto de 1983, fundamos o Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica de Santa Cruz. O NOPH, entidade até hoje existente, que tem como objetivo “realizar pesquisas, divulgar a história local, dinamizar a cultura e desenvolver campanhas visando à preservação dos bens culturais da Zona Oeste.”

Tendo como logomarca, o desenho da cartela barroca, ladeado por duas colunas de granito, ornadas com pinhas portuguesas, onde se encontra o brasão com o símbolo da Companhia de Jesus e o dístico latino “*Flecte genu, tanto sub nomine, flecte viator; Hic etiam reflua flectitur amnis aqua*” (*Dobra o joelho sob tão grande nome, viajante; Aqui também se dobra o rio em água refluyente.*).

Passamos a adotar e divulgar também, o slogan: **“Um povo só preserva aquilo que ama! Um povo só ama aquilo que conhece!”**

Começamos a pensar, em agosto de 1983, como teria sido o desenvolvimento urbano de Santa Cruz. Passamos a considerar o crescimento do bairro que, de antiga fazenda agropecuária administrada pelos padres da Companhia de Jesus, os jesuítas, transformara-se, a partir do início do século XIX, em uma das residências oficiais da Família Real Portuguesa.

No período republicano, a partir do início do século XX, com a recuperação dos campos e monumentais obras de saneamento da Baixada de Sepetiba, sob à denominação de Fazenda Nacional de Santa Cruz, a região recupera a sua vocação agrícola, com a criação do Núcleo Colonial e chegada de diversas famílias de imigrantes japoneses, austríacos, espanhóis e alemães.

Cultiva-se, a partir do início da década de 30, uma produção variada, de legumes, frutas e hortaliças, em uma área de 3.243 hectares, divididos em 266 lotes.

Em apenas três meses de trabalho, somente os colonos japoneses de Santa Cruz, filiados à cooperativa agrícola de Cotia, plantaram 72.000 pés de tomateiros e 150 000 em sementeiras; 30 000 pés de repolhos, 121 000 pés de milho, ou uma soma total de 468 000 pés de várias espécies, incluindo também a plantação de 3 hectares de arroz.

As décadas de 60 e 70 são, também para Santa Cruz, períodos de grandes transformações. Com a instalação da Usina Termelétrica de Furnas, da Companhia Siderúrgica da Guanabara, vinculada ao Grupo Gerdau, da Casa da Moeda, Valesul Alumínio, Latasa e outras indústrias de menor porte, Santa Cruz vai abandonando a sua histórica vocação agropecuária e entra em franco processo de industrialização.

Os aspectos negativos da industrialização e os altos custos de desordem social, também se tornaram visíveis, a partir de meados da década de 1960, com a implantação dos conjuntos habitacionais e transferências de contingentes imensos de populares, provenientes de áreas mais pobres da cidade do Rio de Janeiro, sobretudo de favelas desativadas após as enchentes de 1966 e 1967.

O trabalho desenvolvido, a partir da fundação do Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica de Santa Cruz, visava primordialmente, enfatizar o desenvolvimento comunitário da região, a partir da possibilidade da ampliação da auto-estima da população local, levando em consideração a importância da história do bairro e o significado simbólico do seu patrimônio.

Neste texto, intitulado “**Fazenda Real de Santa Cruz – Patrimônio Histórico**”, apresentado ao Grupo de Trabalho intitulado “Turismo e Patrimônio Cultural”, coordenador pelas professoras Margarita Barretto e Maria Beatriz Kother, temos a pretensão de abordar alguns aspectos relacionados com as origens históricas do bairro de Santa Cruz, Zona Oeste do Rio de Janeiro, enfatizando sua representatividade material e sua interpretação simbólica ligada ao turismo.

## Um Bairro conta a sua História

### A História passou por aqui

A história do bairro começa a ser contada pelo seu próprio nome: Santa Cruz. O historiador José de Saldanha da Gama, autor da *História da Imperial Fazenda de Santa Cruz*<sup>1</sup> conta que os padres jesuítas mandaram erguer uma grande cruz de madeira, no pátio externo e fronteiro à sua residência, onde a escravaria se reunia para seus festejos. Daí teria vindo a origem da denominação.

O cruzeiro, hoje revitalizado em frente ao prédio do quartel do Batalhão de Escola de Engenharia, Batalhão Villagran Cabrita, que ocupa a antiga sede da Fazenda dos Jesuítas, aparece em destaque na iconografia legada por diversos viajantes estrangeiros que passaram pelo bairro a partir do início do século XIX, entre os quais, os trabalhos de Thomas Ender, Jean Baptiste Debret, Maria Graham e Eduard Hildebrandt.

---

<sup>1</sup> Revista do IHGB, tomo XXXVIII, 2ª Parte, 1875, p. 165-230

A partir da iconografia e dos inúmeros relatos dos viajantes estrangeiros, começamos a desenvolver uma série de projetos de conhecimento, interpretação, valorização e revitalização do patrimônio histórico construído ainda remanescente em Santa Cruz.

No caso do antigo convento dos jesuítas, que no início do século XIX foi ampliado e transformado em palácio real de Santa Cruz, foi possível sensibilizar um dos comandantes da unidade militar, a permitir que fossem produzidos painéis com pinturas mostrando a evolução da arquitetura do prédio, desde a época em que funcionava como capela e residência dos padres da Companhia de Jesus, até a sua transformação em quartel do Exército.

Além disso, com o apoio e com a participação da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, o Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica, obteve a autorização para incluir na fachada principal do antigo palácio real, uma placa com dizeres alusivos ao seu valor histórico e cultural.

O velho quartel, que até o início da década de 1980, somente era aberto à comunidade nos dias de festas cívicas ou militares, passou a ter o seu espaço franqueado à visitação pública durante toda a semana, dependendo de agendamento, sendo citado em “Guias de Turismo”, inclusive na primeira edição do Michelin – Rio de Janeiro – Cidade e Estado, além de ser disponibilizado para diversas atividades de caráter cultural, como a tradicional *Missa de Exaltação da Santa Cruz*; apresentação de orquestras sinfônicas; exposições diversas; palestras, etc.

No local também existe um pequeno museu regional, com peças museológicas e documentos que reconstituem uma boa parte da história do prédio e seu funcionamento como unidade da Arma de Engenharia do Exército.

Ainda como uma decorrência direta, da campanha de valorização daquele exemplar da arquitetura jesuítica e da área do seu entorno, o próprio Exército brasileiro mandou construir, nas proximidades do portão principal de acesso do antigo palácio real, um memorial que presta homenagem ao Tenente coronel Villagran Cabrita, herói da Guerra do Paraguai e Patrono da Arma de Engenharia.

Recentemente, dentro do Programa Rio Cidade, a Prefeitura Municipal incluiu toda a Praça Ruão, - que na colônia e no império funcionava como área de reuniões festivas dos escravos - , no projeto de urbanização e revitalização, com nova sinalização, iluminação e ampliação do espaço destinado ao estacionamento de veículos.

O quartel de Santa Cruz, antigo convento dos jesuítas e outrora residência da Família Real, é hoje um dos pontos de maior visibilidade e visitação pelos turistas que passam pela região.

Para o local foi trasladado o Marco da Imperial Fazenda de Santa Cruz, de 1827, que se encontrava em uma das dependências do Museu do I Reinado, no bairro de São Cristóvão, após ter sido removido do seu ponto original.

De um modo geral, o que se fez e o que se pretende fazer em relação à Praça Ruão, é fomentar de forma adequada a integração da atividade turística no quadro cultural, propiciando, fundamentalmente, a valorização e preservação do patrimônio histórico da Fazenda Real de Santa Cruz.

Ainda no âmbito da pesquisa histórica, visando determinar a inclusão no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do município do Rio de Janeiro, consoante a legislação de proteção e valorização das áreas de valor cultural, passamos a desenvolver, junto com diversos segmentos comunitários do bairro, uma intensa campanha de sensibilização da Prefeitura, no sentido promover o tombamento do prédio em estilo neoclássico, construído em 1881, para servir como sede administrativa do Matadouro Público de Santa Cruz e de toda a sua área de entorno, incluindo as casas da vila operária, a estação ferroviária e as próprias instalações físicas do antigo abatedouro.

Onde, até meados da década de 1970, havia o abate de gado bovino e simbolizou, desde o final do século XIX, até aquela época, a mola propulsora da economia local, hoje funciona a Escola Técnica de Santa Cruz, onde circulam, diariamente, cerca de 5 mil alunos dos níveis fundamental e médio.

O vetusto casarão neoclássico, embora aguardando obras de restauração interna e adaptação dos seus espaços para funcionar plenamente como Centro Cultural, já abriga a Biblioteca Popular Joaquim Nabuco, que atende boa parte da população da Zona Oeste, e a sede do Ecomuseu, criado pela Prefeitura a partir das experiências do NOPH, além do próprio Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica, que funciona como uma espécie de centro de memória local

A revitalização do quarteirão, onde ficava localizado o Matadouro também ocorre com a construção de uma Vila Olímpica, em terreno de 17 000 metros quadrados, onde está sendo construído um complexo esportivo com piscina de atletismo, ginásio com palco, quadra poliesportiva, piscina semi-olímpica, vestiários, quadras de vôlei de praia, de tênis e de bocha e campo de futebol society.

No local, o lazer será garantido com churrasqueira, parque infantil, mesas de pingue-pongue e mesas de jogos com bancos de concreto.

O entorno de todo o quarteirão, que no século XIX foi urbanizado sob a orientação do paisagista francês François Marie Glaziou, estará recebendo novas calçadas, meios-fios e iluminação pública, além do replantio de palmeiras imperiais.

O aspecto simbólico do local transcende a esfera do patrimônio construído. O grande “Largo do Bodegão” que, segundo o historiador Benedito Freitas<sup>2</sup>, apresentava no apogeu da carne verde, um movimento diário calculado em mais de duas mil pessoas, que ali acorriam na expectativa dos mais variados e extravagantes negócios, hoje serve como cenário para a tradicional festa de São Jorge, no dia 23 de abril, remanescente do tempo em que os mineiros conduziam, a cavalo, o gado para o abate.

A terceira referência de patrimônio cultural e histórico de Santa Cruz, que hoje vai adquirindo uma interpretação de sítio arqueológico da era industrial e monumento nacional tombado e preservado pelo IPHAN, é o complexo do Hangar da Base Aérea de Santa Cruz, construído em 1934 para abrigar os dirigíveis Graff Zeppelin e Hindenburg que faziam a ligação Frankfurt (Alemanha), Jequiá (Pernambuco) e Santa Cruz (Rio de Janeiro).

Toda a estrutura metálica do hangar, medindo 274 metros de comprimento, 58 metros de altura e 58 metros de largura, produzida pela firma alemã Luftschiffbau Zeppelin veio dividida, como um grande kit de peças, para ser montado em Santa Cruz.

Na entrada principal da Base Aérea, onde ficam aterrissados os modernos aviões do Grupo de Caça, foi mandado erigir uma réplica do dirigível Graff Zeppelin, que serve como uma das atrações para os visitantes.

Mesmo tratando-se de uma grande unidade militar da Força Aérea Brasileira, plenamente operacional e em completa atividade, a Base de Santa Cruz vem abrindo os seus portões para a visita pública.

No local foi construído um pequeno Centro de Memória, onde os visitantes podem acompanhar o roteiro de uma exposição sobre a história dos dirigíveis, a evolução da própria Base Aérea de Santa Cruz e do bairro.

O arquiteto Oscar Niemeyer projetou um monumento em homenagem ao aviador, que faz parte do circuito externo de visita de turistas, juntamente com o hangar e a gigantesca esfera metálica onde ficava armazenado o hidrogênio que

---

<sup>2</sup> FREITAS, Benedito. “O Matadouro de Santa Cruz” – Cem anos a serviço de uma comunidade. Rio de Janeiro, 1977, edições do autor.



abastecia os dirigíveis, hoje transformado em um enorme globo terrestre onde se pode ver de longe as rotas internacionais percorridas pelo Graff Zeppelin e pelo Hindenburg.

Hoje, os próprios comandantes, oficiais e praças que servem na Base Aérea de Santa Cruz têm consciência da importância histórica daquele complexo aerotático e promovem eventos ou fazem parcerias com órgãos governamentais, instituições de ensino e organizações não governamentais, no sentido de estimular visitas de turistas e da própria comunidade aos diversos espaços de memória da BASC.

O principal atrativo turístico de Santa Cruz, considerando o seu legado cultural é, sem dúvida alguma, a Ponte dos Jesuítas, monumento construído em 1752 e tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional em 1938.

A famosa ponte-represa fazia parte de um complexo mecanismo de dessecamento dos brejais da Baixada de Sepetiba que incluía valas, canais, diques, taipas, aberturas em forma de óculos, tubulões para o escoamento da água excedente e a própria Ponte dos Jesuítas.

O superintendente da Fazenda Real de Santa Cruz, Manuel Martins do Couto Reis, autor das “Memórias de Santa Cruz”<sup>3</sup> é quem melhor descreve sobre a construção e funcionamento daquela ponte-comporta:

“De cantaria bem trabalhada, e unida pelas juntas, construíram no rio Guandu uma lindíssima ponte, apoiada sobre arcos desiguais; mas com tão discreta proporcionalidade que, pelos centros as águas deste rio passassem livremente, enquanto corressem nos limites do seu álveo. Umhas comportas inventadas e dispostas, segundo os misteres, em que serviriam, eram como fechos graduais, e designados a reter as águas sobejas, ampliar o curso das precisas, e fazer retroceder as supérfluas para o (rio) Taguahy (Itaguaí), na conformidade que tenho mostrado. Sobre a abóbada, ou pavimento superior desta ponte não acabada, ainda vemos restos de enfeites, e pequenas colunatas que guarneciam uma espécie de parapeito, como também uma porção de tarjeta lavrada de granito com a seguinte inscrição em um elegante dístico por baixo destas sagradas letras:

I H S

Flecte genu, tanto sub nomine, flecte viator;

Hic etiam reflua flectitur amnis aqua.

Com estas harmoniosas e delicadas máximas exercidas constantemente em pouco mais de um século, viram os Jesuítas famosas correspondências dos seus detalhes, e aplicações; e os desfrutes manifestos a tantos olhos se fizeram não menos célebres que espantosos, tendo a grande glória, e a satisfação de remediar com arte os defeitos da natureza, e de mudarem a deformidade de um brejal imenso em campo ameno, onde com vinte e dois currais já contavam nos seus pastos o número de treze mil e tantas cabeças de gado vacum, além das manadas de éguas, rebanho de ovelhas, e de cabras, criações todas da melhor e mais escolhidas raça, subindo deste modo os

<sup>3</sup> Revista do IHGB, vol. V, nº 18, abril de 1843, p. 143-186.

rendimentos de Santa Cruz anualmente a doze contos de réis, cujas riquezas e seus progressos se fariam prodigiosos na série dos anos, se o mesmo sistema se adotara e levara adiante, logo em princípio que esta Fazenda passou ao Patrimônio Real...”<sup>4</sup>

A Ponte dos Jesuítas é, sem dúvida, o principal testemunho material de todas as obras que os padres jesuítas realizaram em Santa Cruz para vencer os obstáculos provocados pelas inundações periódicas, principalmente durante o verão, que provocavam a destruição de parte do que havia sido. Plantações eram inutilizadas, havia mortandade do gado, os campos eram destruídos havendo, na parte mais baixa da Fazenda, nos terrenos próximos ao litoral de Sepetiba, alguns campos que permaneciam encharcados uma boa parte do ano, transformando-se em verdadeiros pântanos.

Segundo o historiador Benedito Freitas, “a Ponte do Guandu ou Ponte dos Jesuítas, como hoje é conhecida, destaca-se como um monumento do passado digno de ser visto e admirado, constituindo na opinião abalizada de Pedro Calmon, uma das ‘raras afirmações da civilização material do Brasil Colônia’”.<sup>5</sup>

A histórica ponte, que completou 250 anos de sua construção em 2002, tem sido estudada por engenheiros, historiadores, arquitetos, epigrafistas, latinistas e outros especialistas.

A visita ao sítio histórico é feita por grupos de excursionistas interessados em conhecer um pouco mais sobre a história e lendas de Santa Cruz, inclusive de que teria existido um túnel interligando a localidade denominada “Jesuítas”, onde se encontra localizada o monumento histórico com o centro de Santa Cruz, onde ficava a residência dos padres inacianos.

A Ponte dos Jesuítas, o Hangar dos dirigíveis, o Palacete do Matadouro e o antigo Palácio Real de Santa Cruz são alguns recursos materiais do bairro que apresentam características relevantes para a história e para a cultura da Zona Oeste e que estão sendo redescobertos, valorizados, interpretados, visitados e revitalizados, graças ao empenho da comunidade, que após intermináveis campanhas de sensibilização do Poder Pública, passou a contar com a participação e interesse dos órgãos governamentais, a começar pelas Secretarias de Obras e de Culturas da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

---

<sup>4</sup> Couto Reis, obra citada.

<sup>5</sup> Freitas, Benedito. “Santa Cruz – Fazenda Jesuítica, Real, Imperial – volume I – Era Jesuítica – 1567 – 1759”, Rio de Janeiro, 1985, p.213.

O Curso de Turismo da Faculdade Machado de Assis, Instituição de Ensino Superior localizada no bairro de Santa Cruz, Zona Oeste do Rio de Janeiro, criado há oito anos e oficialmente reconhecido pelo Ministério da Educação, pela Portaria nº 1.803, de 11 de julho de 2003, tem procurado, junto aos seus alunos, corpo docente e comunidade local, desenvolver programas de valorização do patrimônio cultural objetivando incentivar a prática do turismo com base no legado cultural.

Estabelecendo parcerias com entidades, empresas privadas e com as prefeituras, a Faculdade Machado de Assis vem divulgando e valorizando o que tem de diferente na cultura da Zona Oeste e regiões da Costa Verde para, juntamente com a comunidade, poder transformar as manifestações culturais em atrativo turístico.

Os caminhos vão sendo consolidados com o apoio e participação das Prefeituras da Cidade do Rio de Janeiro e do município de Itaguaí e as forças vão sendo reunidas objetivando transformar o potencial turístico da região em fato concreto capaz de mudar a vida da população que vivem em Santa Cruz.

Sinvaldo do Nascimento Souza

Professor e Coordenador do Curso de Turismo

Faculdade Machado de Assis – Santa Cruz – Rio de Janeiro – RJ

#### BIBLIOGRAFIA

- BARRETTO, Margarita. Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento. Campinas, SP. Papyrus, 2000.
- \_\_\_\_\_. Turismo e Patrimônio: Meios ou fins?. In: Resumo do Seminário I Jornada de Turismo, Meio Ambiente e Patrimônio Cultural. São Paulo. Centro Universitário Ibero Americano. Editora Aleph, 2001, pp. 103-106.
- CONGRESSO BRASILEIRO DA ATIVIDADE TURÍSTICA. Programa Brasileiro da Atividade Turística; emprego, renda e desenvolvimento. Brasília, Câmara dos Deputados. Comissão de Economia, Indústria, Comércio e Turismo/Subcomissão Permanente de Turismo, CNC, 2002.
- FREITAS, Benedito. O Matadouro de Santa Cruz (Cem anos na vida de uma comunidade). Rio de Janeiro, Edições do Autor, 1977.
- \_\_\_\_\_. Santa Cruz: Fazenda Jesuítica, Real e Imperial, vol. I 1567 – 1759. Rio de Janeiro, Edições do Autor, 1985.
- FRIDMAN, Fania. Donos do Rio, em nome do Rei. Uma história fundiária da cidade do Rio de Janeiro. Jorge Zahar. Ed., Garamond. 1999.
- GAMA, José de Saldanha da. “História da Imperial Fazenda de Santa Cruz”. In: Revista do IHGB, TOMO XXXVIII, 2ª Parte, 1875, pp. 165-230.
- Guia de Turismo Michelin. Rio de Janeiro: Cidade e Estado. Rio de Janeiro: CBP Michelin, s.d.
- MOTTA, Lia e SILVA, Maria Beatriz Resende (orgs.) Inventários de Identificação do patrimônio: um panorama da experiência brasileira. Rio de Janeiro. IPHAN. Ministério da Cultura, 1998.
- MURTA, Stela Maris e ALBANO, Celina (orgs.). Interpretar o Patrimônio: um exercício do olhar. Belo Horizonte. Ed. UFMG. Território Brasilis, 2002.
- PLANO NACIONAL DO TURISMO: Diretrizes, Metas e Programas – 2003 – 2007. Brasília 2003.
- PROTEÇÃO E REVITALIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL NO BRASIL: UMA TRAJETÓRIA. Ministério da Educação e Cultura, SPHAN, Brasília, 1980.
- REIS, Manuel Martins do Couto. ”Memórias de Santa Cruz”. In: Revista do IHGB, vol. IV, nº 18, abril de 1843, pp. 143-186.

RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO 2002, IPENA. In: <<http://www.ipea.gov.br/Destaque/destaque.php>>

SOUZA, Sinvaldo do Nascimento. Ponte dos Jesuítas: 250 anos do monumento histórico – 1752 – 2002. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, 2001. pp. 132-141.

\_\_\_\_\_. Colônia Agrícola Japonesa de Santa Cruz – Rio de Janeiro – RJ. Memória e Universo Rural. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, 2002. pp. 107-121.

\_\_\_\_\_. Anais do I Encontro Internacional de Ecomuseus. Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1992. pp. 338-349.

\_\_\_\_\_. Langsdorff em Santa Cruz. Revista Notícia Bibliográfica e Histórica. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, ano XXVI, Nº 156, outubro/dezembro 1994, pp. 380-382.

\_\_\_\_\_. O turismo dentro de casa, (artigo) Jornal “O Globo”, Editoria de Jornais de Bairros, O Globo Zona Oeste, 18 de maio de 1997, p.2.

\_\_\_\_\_. De Frankfurt à Santa Cruz a bordo de um transatlântico voador. Revista FAMA Universitária, ano I, nº 1, pp. 33-35.

\_\_\_\_\_. Um Pintor Vienense nas Terras de Santa Cruz. Revista FAMA Universitária, ano I, nº 1, pp. 29-31.

VARINE, Hugues de. O Tempo Social. Rio de Janeiro. Livraria Eça Editora, 1987.